



MORTE INFANTIL

A morte geralmente dilacera corações.

Quando se trata de crianças em tenra idade, parece ainda pior.

À dor dos pais, une-se a dos amigos e conhecidos e ela vai crescendo como uma bola de neve.

Normalmente termina com gritos de revolta contra a divindade e sua sabedoria.

Ou então as criaturas clamam a Deus, crendo-se por Ele esquecidas.

Foi exatamente por este quadro quase rotineiro que nos surpreendeu a história narrada por uma americana.

Casada, mãe de dois belos garotos, uma boa provisão de contas, problemas, amor e felicidade.

Mas Beth sentia que no mundo espiritual havia mais um menino esperando para nascer. Ela o sentia como dela. Apenas não o havia concebido.

Conseguir o garoto não foi fácil. Foram sete anos de médicos, orações, desapontamentos e dois abortos espontâneos.

Finalmente, nasceu o menino.

Ela não conseguia encontrar o nome que traduzisse "presente direto de Deus".

Por isso o chamou Marcos.

Reconhecia o filho como algo muito especial.

E era mesmo. À medida que foi crescendo, foi mexendo com a família toda.

Como acontece muitas vezes com o filho temporão, ele reabriu os olhos e os corações de pais e irmãos para novos e ricos sentimentos de amor e de felicidade.

Os irmãos mais velhos logo assumiram o papel de jovens pais.

E do "camaradinho", como o chamavam, foram recebendo lições de paciência, compreensão, tolerância.

Sim, porque quando ele estava acordado conseguia manter um pouco maluca, a maior parte do tempo, a família toda.

Quando acordava, alguém dava o alarma: "alerta! Tufão à vista!"

Subia no piano, no armário, na mesa. Era um espírito tão cheio de vida que Beth acreditava que nunca o mundo o conseguiria domar. Ele parecia livre como uma brisa fresca.

Por vezes, ela se detinha a contemplá-lo.

Narizinho arrebitado, boca sorridente, vivos olhos azuis, cabelo louro. E pensava: "lembrarei sempre de você como é agora."

Mas, pouco antes de fazer cinco anos, adoeceu. Leucemia. Disseram que ele iria morrer.

Naquele dia do diagnóstico, o pai montou o carro que havia escondido para o natal e deixou que o filho corresse alegremente com ele, pelo jardim antes de partir para o hospital.

Foram três semanas de injeções, dores, transfusões, pílulas. Voltaram para casa.

Começaram os intermináveis exames de sangue e as tentativas para manter o menino vivo. Sempre havia esperança...

Olhar para os olhos brilhantes e confiantes de uma criança amada, assistir à dor dos tratamentos, ver aquela criança morrer lentamente...era insuportável.

Mas Marcos morreu durante um ano inteiro.

O grande amor de toda a família não o protegeu contra coisa alguma.

Quando o corpo inchava, Beth lhe dava amor. Quando ficou cego, ela lhe contava histórias para aliviar-lhe a dor.

Quando foi acometido por hemorragia, atormentado por convulsões, ela lhe disse adeus.

Ele morreu. Ela lhe fechou os olhos.

Abraçada ao marido e aos outros dois garotos, falou: "de novo sabemos que há um menino no mundo espiritual que é parte de nós."

Deus nos permitiu conhecê-lo e vivê-lo. A luz de Marcos brilhará pelo resto das nossas vidas. Muito obrigado, meu Deus!"

Você sabia?

Que a família é planejada antes da reencarnação?

É por isso que, muitas vezes, as mães têm intuições de que falta mais um filho para nascer.

Ou que os noivos se sentem tão seguros ao planejarem a família, com o número de filhos, etc.

Alguns até têm certeza do sexo das crianças antes de serem concebidas.

Tantos meninos. Tantas meninas.

É que muitos espíritos recordam, embora em nível inconsciente, o que de antemão haviam planejado antes de nascer.

Equipe de Redação do Momento Espírita, com base na Revista Seleções do Reader's Digest, Uma pequenina estatística (condensado de Câncer News).